



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



Seringueiros do Acre: Imaginário e Paisagem Cultural

Janaína Mourão Freire¹

Universidade Federal de Goiás

Resumo

No presente artigo buscamos relacionar paisagem e imaginário demonstrando que um reside no outro. Não existe imaginário sem paisagens vividas e lembradas e por conseguinte, não há paisagens que existam sem o vivido, sendo este, sempre imaginado. Para tanto, realizamos uma específica revisão bibliográfica trabalhada de maneira integrada e reflexiva. Este é um trabalho filosófico. Utilizamos autores como Simon Schama, Jean-marc Besse, Eric Dardel, Gaston Bachelard, Maurice Halbwachs, Werther Holzer, Maria Geralda de Almeida e outros. “Obrigamos” que dialogassem, mas eles o fizeram espontaneamente. Reunimos a teoria aplicando-a em um grupo específico: seringueiros do estado do Acre.

Palavras – chave: Imaginário, Paisagem, Seringueiros, Acre

¹ Professora substituta do departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí. Mestranda do departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás – Campus Goiânia. Publicações na área da Geografia Cultural e da Educação com ênfase na educação inclusive e Cartografia Tátil. Recentemente esteve presente em congressos como NEPEG, em Caldas Novas; Congresso de Geografia Portuguesa, em Lisboa; Encontro de Geógrafos da América Latina, na Costa Rica; Annual Meeting da AAG, nos EUA e outros. Além da participação em eventos tem publicações em periódicos e um capítulo publicado em livro.



1. Paisagens Imaginadas e Imaginários Paisagísticos

1.1 A Paisagem

A paisagem está no imaginário e o imaginário está na paisagem. A partir dessa afirmativa desenvolvemos um percurso filosófico em torno dos dois temas (enquanto um só). Para tanto, nos utilizamos de uma prévia revisão histórica do conceito de paisagem para então integrar o imaginário à reflexão, visto que em paradigmas anteriores à fenomenologia, isso era algo inviável.

Embora a Geografia, no período que denominamos de tradicional, tenha valorizado a paisagem, posteriormente, nos trabalhos vinculados a Geografia quantitativa e crítico-radical ela foi renegada a um patamar inferior. Os paradigmas pós-modernos, principalmente aqueles vinculados a fenomenologia, se aventuraram menos em categorizar novamente a paisagem do que considera-la a própria concepção do estudo geográfico (BESSE, 2006).

Vidal de La Blache, representante da Geografia tradicional francesa, desenvolveu o conceito “paisagem” em algumas obras, dentre elas: “Principes de la géographie humaine” (1921) e “Les caracteres distinctifs de la géographie” (1913). Para o autor, a realidade geográfica é composta por três elementos:

1. Um substrato plástico
2. Uma energia de circulação
3. Um conjunto de formas (paisagem)

A paisagem é o derradeiro plano - o resultado da energia de circulação sobre o substrato. “ É este ultimo plano, o das inscrições, este plano da paisagem, entendida como fisionomia da Terra, que é o plano propriamente geográfico, aquele onde houve, efetivamente, escrita da Terra”¹ (BESSE, 2006, p.71)

Essa escrita da terra pode ser entendida a partir de Eric Dardel (2011):

A Geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um *texto* a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino (p.2).



A fala do autor revela o significado da palavra Geografia de maneira muito mais profunda. O geógrafo se depara com um texto (a Terra), feito de signos que devem ser interpretados. Não é mera descrição, é um trabalho de decifração.

Para muitas disciplinas, assim como para o senso comum do pensamento ocidental, a paisagem se reduz a uma porção do espaço que pode ser observada com um golpe de vista”(HOLZER, 1999, p.150). Para a geografia a paisagem tinha a sua dimensão visual mas também uma cultural que fornecia dados homogêneos passíveis de uma individualização. Essa definição distanciava a geografia das artes com a sua visão renascentista de *paysage* (HOLZER, op.cit.) “A partir do momento em que a paisagem torna-se um objeto de contemplação e é valorizada por razões estéticas, as relações dos grupos com o espaço mudam de natureza” (CLAVAL,2007, p.315).

Friedrich Ratzel, outro geógrafo tradicional, discorre sobre fatos geográficos. Entende que a história é construída pela atuação do homem na Terra e que os traços da ação humana, assim como as impressões e testemunhos constituem a paisagem. Essa ideia do geógrafo alemão não difere completamente do que foi defendido por Vidal de La Blache, no entanto, é abordada de maneira diferenciada (BESSE, 2006). “A Geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos da cultura (...). Essa cultura é analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelo homem em relação com o espaço” (ROMANCINI, 2005, p.22)”

No âmbito da Geografia teórica priorizou-se a construção de modelos espaciais:

A geografia, na sua versão positiva, tornou-se uma ciência social que estuda as distribuições espaciais, as estruturas espaciais, as circulações espaciais, os comportamentos espaciais de atores supostamente racionais e, portanto, “modelizáveis”(BESSE, 2006, p.77)

Além das críticas quanto ao uso de modelos das ciências da natureza nas ciências sociais acreditava-se que a corrente positivista evidenciava contradições em larga escala (planetária) mas pouquíssimo contribuía para análises internas, dentro de uma nação (CORREA, 2010)

Carl Ortwin Sauer, geógrafo americano fundador da escola de Berkeley, transformou a forma de se fazer Geografia. “Através dele, a Geografia norte-americana libera-se do determinismo ambiental e estabelece sólidas ligações com a Antropologia e a História” (CORREA, 2010, p.261). Publicou alguns trabalhos abordando primeiramente o termo Corologia (diferenciação de áreas) e posteriormente Geografia Cultural. Suas



ideias ficaram realmente conhecidas na publicação: “the Morphology of Landscape” em 1925.

O pesquisador norte americano defendia o trabalho empírico e acreditava que a paisagem deveria ser observada como um conjunto de formas físicas e culturais com qualidade orgânica. Acreditava que o “método morfológico” deveria ser o caminho para o estudo da paisagem e este consistia em: “(...) considerar os fenômenos como formas que estão interligadas entre si (...)” (op.cit., 2010, p.267). Carl Sauer teve grande importância no desenvolvimento da Geografia principalmente por trazer a cultura como elemento fundamental na análise geográfica. Como veremos mais adiante, nos paradigmas da pós-modernidade, a cultura ganha força novamente mas indo além do material (vestimentas, hábitos, instrumentos, casas e etc.) como propunha Sauer.

A corrente crítica da Geografia, fundamentada na teoria marxiana, considera que “a paisagem possui antes de tudo uma significação social e econômica” (BESSE, 2006, p.68). A paisagem é um produto, um artefato. Milton Santos (2004) diferencia espaço e paisagem dando ênfase ao primeiro. A paisagem é vista como um conjunto de formas e objetos existentes por uma construção transversal (passado e presente), no entanto, por mais que pertença ao presente (à história viva), é história congelada e praticamente imutável. A visão tradicional do homem como fator constituinte da paisagem é descartada e por isso, o espaço torna-se o objeto central de estudo dos seguidores dessa corrente enquanto que a paisagem é relegada a um valor meramente material. A paisagem volta ao seu caráter renascentista

Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhe são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta (SANTOS, 2004, p. 109).

Verifica-se que tanto o positivismo quanto o materialismo histórico deram pouca importância aos estudos da paisagem. Esta que no início do século XX com os trabalhos de Vidal de La Blache e Ratzel tiveram grande importância, foi relegada a um patamar inferior. Em contraponto ao que diziam os positivistas e os marxistas mas sem negar totalmente os estudos da Geografia clássica, surge uma corrente humanista, sustentada pela fenomenologia que faz renascer a categoria paisagem.



A partir da década de 1970, a Geografia Cultural, que tinha estado estagnada com o surgimento do positivismo, renasce com o conceito de paisagem, trazido através da base filosófica da Fenomenologia, que visa a considerar o espaço vivido. A Geografia adotou esse novo conceito que transformou as questões epistemológicas em questões ontológicas. O mundo percebido pelo indivíduo jamais é objetivo; pelo contrário, é envolto em subjetividades por parte do observador (HOLZER, 1999).

A paisagem torna-se um categoria essencialmente geográfica por conter aquilo que é inerente à Geografia: a afetividade na relação homem –meio. Quando se compreende que os mitos, as crenças, os medos e etc, constituem a paisagem, esta ganha um caráter fenomenológico. Besse (2006) discorre sobre o tema e entende a paisagem como “(...) um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda, uma formação cultural” (p.78).

O conceito *Topoanalise* foi trazido por Gaston Bachelard(2008). Segundo o autor, nossas lembranças estão dispersas em muitos ambientes. A casa é um dos locais, e talvez o mais importante deles, em que guardamos nossa memória. As casas com sótãos, corredores e porões tem em seus meandros a fonte de nossos devaneios. “A topoanalise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (p.28). O espaço possui, então, a função de armazenar o tempo de modo que pelo primeiro, encontramos o segundo. Bachelard acredita que os psicanalistas deveriam se dedicar a essa localização das lembranças. Os locais de intimidade geram uma atração que se traduz por uma afetividade. Portanto, “a topoanalise traz a marca de uma topofilia”. Mas o que é a topofilia?

Bachelard (2008) dedica-se a defini-la, embora seja um conceito difundido posteriormente por Yi –Fu Tuan(1980). Explica Bachelard: são “as imagens do espaço feliz” (p.19). Tuan complementa: “A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (p.107). Tuan além de dedicar uma obra ao estudo da topofilia, adentra na face obscura das sensações e com o conceito *Topofobia* dedica-se às paisagens do medo (2005). As sensações também compõem a paisagem e estão ligadas às crenças, à fé, às religiões e além de outros elementos: aos mitos.

Os mitos estão ao nosso redor. Alguns deles, muitas vezes antigos, permanecem entre nós sem que percebamos. O trabalho do pesquisador é procura-los, torna-se uma tarefa de escavações. É preciso (re) encontra-los pois o fato de estarem longe do nosso alcance não representa a morte ou a inexistência, mas revela a incapacidade humana (e



as vezes científica) de ver além dos estratos de rochas (SCHAMA, 1996). “Um escavador de tradições curioso esbarra numa saliência que se projeta sobre a superfície dos lugares-comuns da vida contemporânea” (idem, p.27). Essa saliência é também parte da paisagem.

A chamamos de Paisagem Cultural para esclarecer que a conceituamos a partir da Geografia Cultural. Assim, pretendemos que o leitor consiga ir além da visão dura e coloquial da Paisagem como um recorte contemplativo e não vivido.

A paisagem seria externa aos olhos de um geômetra como afirma Bachelard (1989) e corrobora Dardel (2010), mas para um geógrafo, a paisagem existe no interior de si visto que este habita um espaço vivido e percebido “com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 2008, p.19). “A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência” (DARDEL, 2011, p.32).

O que é o espaço vivido?

Para compreendê-lo antes devemos caminhar por outros termos.

1.2 Habitar a Terra

O homem habita a Terra. Mas o que é a Terra? Uma simples matéria onde ponho meus pés? E se assim for como ponho meus pés? Como piso sobre cada pedaço de terra da Terra? Nós habitamos - e habitar é muito mais que simplesmente pisar. Habitar é colocar sobre o solo toda a nossa subjetividade (DARDEL, 2011). Nós não vivemos pra pisar, nossa vida existe para habitar um lugar na Terra.

Anne Buttimer (1982) entende que habitar é mais que “morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza (...) construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa” (p.166). Portanto, habitar é ter um lar que existe pelo diálogo do natural com o social.

Heidegger (1954) faz as seguintes perguntas: 1) O que é habitar? 2) Em que medida pertence ao habitar um construir? (p.1). Segundo ele nem todas as construções são habitações, é o exemplo das pontes, rodovias, represas, mercados e outros. Elas estão no nosso habitar mas vão além. Um mercado para um mercador é um não habitar e um habitar ao mesmo tempo e por conseguinte não se pode afirmar com certeza que a sua habitação/ casa é verdadeiramente o seu habitar. O construir é visto como um meio para o habitar, mas essa relação meio-fim não garante que haja um fim (habitar) efetivo. Portanto, o autor acredita que o contruir já é em si um habitar. Ele parte do alemão antigo



para fazer essa afirmação. O termo *Buan*, transformado em *Bauen* é traduzido como construir e seu significado é habitar. O autor defende que é possível entender três coisas a partir desse termo:

1. Construir (*Bauen*) é propriamente habitar;
2. Habitar (*Wohnen*) é o modo como os mortais são e estão sobre a terra;
3. No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo daquilo que cresce e o construir no sentido de edificar construções.

Ele defende que não habitamos porque construímos mas sim cada vez mais construímos porque habitamos. Ele discorre sobre o céu, a Terra, os divinos e os mortais como uma unidade complementar. Os mortais habitam a Terra e estar na terra é posicionar sob o céu diante dos divinos. Esse habitar faz o homem permanecer nessa *quadratura*, como ele denomina.

Nós habitamos o próprio corpo e essa habitação se estende ao mundo que se encontra ao nosso redor. No livro *Paisagens Pós –Urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, Massimo Di Felice(2009) perpassa por Heidegger para depois propor três formas comunicativas de habitar que se configuram na atual sociedade tecnológica: 1) Empática, 2) Exotópica e 3) Atópica. A primeira se refere a tecnologia da leitura, a segunda vem da eletricidade e dos meios de comunicação em massa e a última pelas mídias digitais e virtuais.

Nos valemos do conceito de Buttimer exposto anteriormente e consideramos importante definir alguns conceitos. Começamos definindo a Terra com mais clareza. Eric Dardel(2011) a enxerga como *base* onde além de habitar, construímos, cultivamos e circulamos:

A Terra, como base, é advento do sujeito, fundamento de toda consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as duas obras, o solo de seu hábitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu pensar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e erigir (p.41).

Percebemos a partir da definição do autor que o Homem e a Terra acabam se confundindo em suas existências. Eles se buscam, se encontram e se reconhecem. É na Terra que se desenvolve a história do Homem e dela mesma, estando totalmente



interligadas entre si enquanto realidade geográfica. Mas os “geógrafos têm refletido sobre o significado experiencial da ocupação da Terra, muito embora não sobre o ato da própria consciência”(p.173) como reflete Anne Buttimer (1982).

Maria Sirley dos Santos(2009) diz:

O Planeta Terra sempre foi objeto de curiosidade, fascinação e também de diferentes investigações científicas sobre sua origem, sua forma, seus movimentos, seu tamanho etc. Terra, morada do homem e de inúmeras espécies de seres pertencentes aos reinos animal e vegetal, cenário onde predomina a diversidade e se aprendem cotidianamente lições de convivência e sobrevivência (p.27)

Para Tuan(1983) “a terra é o corpo humano em grande escala”. Dardel(2011) afirma que a Terra: “assinala a cada existente seu lugar”(p.43) e eu complementaria que: O homem dá a Terra um lugar dentro de si, do próprio ser. Nos diz ainda o autor: “Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base [a terra] para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos” (p.41).

E o que é o Lugar? Como todos os conceitos que estamos trabalhando, não há uma unidade de pensamento e fazemos questão de demonstrar algumas diferenças que vem sendo discutidas. Vale ressaltar que assim como a Paisagem, o Lugar é um conceito que revive com a Geografia Cultural. Conceituaremos a categoria partir do entendimento do que é o Mundo Vivido.

1.3 O Mundo Vivido e “a gente do lugar”

O Mundo Vivido de acordo com Anne Buttimer(1982) é coletivo, no entanto, cada indivíduo o constrói a sua maneira. Não refletimos sobre ele diariamente porque ele é pré-refletivo e determinante do comportamento. Além disso, atualmente, há grande influência das técnicas sobre o Mundo Vivido. A autora faz questão de diferenciar o Vivido do Representacional pois o ultimo têm influências positivistas com utilização de categorias científicas, lógicas e matemáticas e “Descrever o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana” (p.174).

“Cada pessoa está rodeada por *camadas* concêntricas de espaço vivido”(p,178), significa que estamos rodeados pelos nossos espaços vividos assim como os espaços



vividos de outros. Ainda segundo a autora: O Mundo Vivido está relacionado com as experiências íntimas que compõem o Lugar. Mas esse Lugar, dito por Anne Buttimer, só pode ser entendido diante da Fenomenologia.

O Lugar, que vem sendo compreendido de diferentes maneiras, ganha na corrente humanista da Geografia um significado mais afetivo. É um centro onde se constroem relações emocionais que integram elementos simbólicos, culturais e biológicos (LEITE, 1998)

Tuan (1983) discorre a respeito das experiências íntimas com o lugar. Para o autor, o espaço se transforma em lugar quando adquire algum significado. Um lugar pode ser uma área, um objeto ou até mesmo uma pessoa; o importante é que haja um sentido de lar envolvido.

No entanto, essa visão não é única, existem definições contraditórias. Werther Holzer(1999) explica que os geógrafos tradicionais consideravam o lugar como uma importante categoria no estudo geográfico, no entanto, com sentido locacional. O período que a ciência atravessou a partir disso, centrando grande parte dos estudos no objetivo fez com que essa significação locacional não se ampliasse. Carl Sauer foi um dos primeiros a propor alguma transformação quando falou do sentido do lugar. Ele traz a possibilidade do subjetivo. Lukermann debate com as ideias do geógrafo americano da escola de Berkeley e define a Geografia como a ciência dos lugares e esse lugar vem das experiências. Mas esse conceito só se fortalece verdadeiramente após a década de 80.

Yi – Fu Tuan é um dos grandes estudiosos do lugar. Ele compreende que este é resultado das nossas experiências com o mundo, a partir de duas características: identidade e estabilidade. Isso significa que ele é fruto de nossas intenções e experiências em grupo (intersubjetivas) sendo sempre insubstituível. Ele é uma pausa no movimento (1983, p.153). “(...) isso não quer dizer no entanto que o lugar esteja além da história ou seja atemporal, significa sim, que o lugar denota a relação inseparável entre espaço e tempo” (HOLZER, 1999, p.73).

Ana Fani Carlos(1996) se baseia em Milton Santos para definir o conceito de Lugar. Segundo a autora o ser humano possui dimensões diversas que se constituem pelo processo de criação, recriação e superação. Esse processo ocorre fora das fronteiras do lugar visto que atualmente há grande articulação entre o local e o mundial. Criam-se novas atividades, novos comportamentos e novos valores.

Verifica-se, de acordo com a autora, que



(...) a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial (p.15).

A autora acredita que o lugar permite entender a produção do espaço atual de acordo com todo o processo de mundialização. O lugar é visto então como uma parcela do espaço, onde se configura a construção social e assim, a partir dele podemos “pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço” (p.15).

O lugar possui a dimensão concreta e real onde se encontra a totalidade e as particularidades, já que cada sociedade produz o espaço de uma determinada maneira. Ana Fani Carlos descreve uma teoria exposta por Milton Santos em um Encontro Nacional em 1995 onde o professor afirmou que o Lugar se constitui por uma densidade técnica, densidade informacional, densidade comunicacional (contato entre as pessoas) e densidade normativa. Todas estas envolvidas pela dimensão do tempo. No livro *Da Totalidade ao Lugar* (2005), Milton Santos explica as três primeiras. A densidade técnica se caracteriza pela tecnologia desenvolvida com grande magnitude em algumas áreas e de maneira quase ínfima em outras; a Informacional varia da anterior mas centra-se “nos graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão, privilegiando setores e atores”(p.160); a Comunicacional vem da relação entre as pessoas que caracterizam a vida em sociedade.

Milton Santos afirma que hoje os lugares são condição para a existência de relações globais, compara os lugares com a regiões alegando que a distinção dentre eles diminui de relevância visto que ambos estão sujeitos as mesmas normas. Ele dá o exemplo das cidades grandes que além de lugares são também regiões.

O autor define nesse e em outros textos que o espaço geográfico é constituído por sistemas de objetos e sistemas de ações. Os subespaços totalizam o mundo. Esses subespaços seriam os lugares: “Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional. É assim que os subespaços existem e se diferenciam uns dos outros.

Verifica-se que essas linhas de pensamento (Ana Fani e Milton Santos) coloca o lugar mais uma vez em um sentido locacional mas ampliando seu significado quando o considera resultado das dimensões locais e mundiais.



René Dubos (1981) no livro *Namorando a Terra* também se arrisca a definir o que é Lugar. Para ele, o termo Ambiente significa algo externo a nós, algo que nos rodeia, exatamente do jeito que vemos a Natureza. “A palavra ambiente não exprime a qualidade das relações que a espécie humana pode, de maneira ideal, estabelecer com a Terra” (p.96). Do ambiente queremos além das condições favoráveis para a vida, experiências emocionais e espirituais que “somente podem ser conseguidas mediante uma interação íntima, ou melhor, uma real identificação com os lugares onde vivemos. Essa interação e identificação geram o *espírito do lugar*” (p.96). O Lugar seria algo mais complexo que o ambiente, por conter o exterior e o interior de maneira integrada.

Segundo o autor o lugar é algo que satisfaz nossos anseios, nos traz uma sensação de nostalgia e muitos desses lugares são construções que foram criadas sem um objetivo biológico ou econômico. Alguns deles são construídos pelo imaginário nacional outros são atraentes por possuírem montanhas, florestas, parques e outros. Na cultura América (principalmente na América do Norte) o lugar que se habita deve possuir alguma aparência de selvagem, esta que fora negada no período da colonização em que uma das primeiras ações era o corte de árvores para abertura de uma grande clareira. “Cada região e cada comunidade tem assim seu próprio espírito de lugar, resultante da prolongada interação das pessoa e de seu ambiente”(p.103).

Georges Balandier(1999) acredita que o homem cria os lugares pela relação que estabelece com o espaço, que é uma categoria material:

Os sociólogos o consideram [o espaço] sob o duplo aspecto de um produto da sociedade e de um produtor do social: quadro no interior do qual os homens se dividem e organizam sua mobilidade, suporte de suas obras materiais, de suas práticas e de suas representações, registro que conserva as inscrições do passado e necessário à formação da memória coletiva. Em sua relação com o espaço, por seu trabalho atual e pelo das gerações anteriores, o homem cria os lugares (p.62).

Os lugares são fruto de uma relação construída por afeição, que se enraíza e dura.

Tuan(1983) afirma que o espaço transforma-se em lugar quando o primeiro adquire significado e é possível estudar o segundo sem conceitos espaciais. Os lugares são fruto das experiências íntimas, difíceis de serem descritas. Os lugares íntimos são repletos de carinho onde existe conforto e segurança. Esse sentido de lar é o que caracteriza o lugar. “Este certamente é o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por



todos os dias anteriores”(p.160). Além disso, o lugar sugere permanência que não basta em seu sentido locacional, é preciso ter a sensação, o valor que provém da intimidade.

Muitas vezes, “a experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas”(p.162) e os lugares acabam se transformando no óbvio coletivo. Por mais difícil que seja expressar as experiências íntimas, elas podem vir a tona.

Em uma passagem diz Dardel(2011): “A realidade geográfica é para o homem o lugar onde ele está” (p.34). Mais na frente ele complementa: “Essa relação vivida dos homens com lugares determinados faz verdadeiramente deles, num sentido rigoroso, “*gente do lugar*” (...)” (p.50). Emprestamos essa frase do autor para intitular esse subtítulo por acreditar que ela seja bem representativa.

Maria Geralda de Almeida discorre sobre Bailly e Ana Fani e define que “os lugares vividos são frutos das relações tecidas entre os homens e o meio e os sentimentos de pertencimento; sentimentos que correspondem às práticas e às aspirações, estando estas relações codificadas por signos que lhes dão sentido”(p.73)

Caminhamos pelo conceito de Habitar à Terra, pelo Mundo Vivido e os Lugares de modo que a Paisagem não seja vista como algo isolado de toda essa relação que o homem estabelece com o meio. Pelo contrário, ela só é possível a partir disso. Vimos que esse contato muitas vezes se dá de forma simbólica, portanto, a necessidade de entender o imaginário acaba por tornar-se eminente.

1.4 O imaginário

De acordo com Simon Schama (1996): “(...) a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”(p.17). Com essa afirmativa o autor demonstra que a paisagem conserva não apenas o visível, mas também o imaginável. Se as paisagens são compostas por lembranças, essas últimas também são compostas de paisagens? A paisagem pode habitar a memória? Simon Schama (1996) nos fala dos “Guardiões da lembrança da paisagem” (p.27) e acreditamos que estes possuem as paisagens que construíram ao longo da vida em sua memória. Todavia, essas paisagens *da* memória não devem ser entendidas como paisagens *de* memória pois a última refere-se a espaços que estimulam o processo recordativo ou que segundo as leis patrimoniais de um território armazenam obras de valor histórico-cultural.

As paisagens que estão na memória existem a partir da memória das paisagens. Guardamos nossas lembranças de maneira muito única e pessoal mesmo sendo a memória algo compartilhado coletivamente. Os lugares que vivemos, visitamos ou



simplesmente atravessamos possuem suas memórias que nos revelam algo, nos alcançam “A lembrança está alí, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes.” (HALBWACHS, 1990, p.59).

Por conseguinte, no processo de lembrança mesclamos o que vivemos no passado com as nossas vivências atuais e partir disso construímos uma memória que embora verídica não atravessa os dias, meses e anos sem sofrer transformações. “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (op. cit, p.29). Queremos dizer que a memória guarda em si as lembranças que por sua vez estão envoltas em imaginários (re)construídos ao longo do tempo. Essa memória(lembrada/imaginada) reside na paisagem e contém paisagens.

Pela observação do objeto cria-se uma imagem que é fruto da nossa capacidade de pensar. As imagens não são passivas e nem concretas, são fruto de “experiências visuais anteriores” (LAPLANTINE, 1997, p.10). O imaginário está relacionado a afetividade e as emoções, além de possuir uma carga poética e atuar como transformador do real. “(...) o imaginário não apenas previne situações futuras, como em sua atividade antecipatória orienta-se para um porvir não suspeitado, não previsto”(idem, p.27)

Também torna-se importante trabalhar o conceito imaginação, para tanto, não se pode levar em consideração a raiz etimológica da palavra, visto que a mesma designa a formação de imagens e segundo Bachelard (2001), imaginar é o ato de “deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens” (p.1). É preciso que uma imagem presente remeta a uma imagem ausente para que haja, de fato, uma ação imaginante. Portanto, o autor sustenta que é preciso haver um imaginário que reveste e dá significado a imagem para existir o imaginar.

“Imaginação é a faculdade de evocar imagens ausentes, fictícias, irreais, enterradas no nosso mais profundo eu” (ALMEIDA, 2003, p.73)

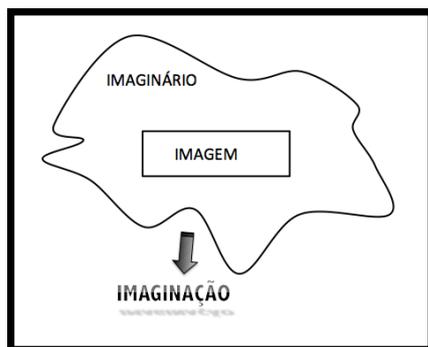


IMAGEM 1 – IMAGEM, IMAGINÁRIO e IMAGINAÇÃO
Fonte: Bachelard (2001), p. 2-5
Organização: Janaína Mourão Freire

Como explica Bachelard (2001), a imagem possui uma espécie de auréola que a reveste, esta é denominada de imaginário, responsável, por conseguinte, por dar valor a imagem. Uma imagem fixa, sem imaginário “noutras palavras, uma imagem estável e acabada corta às asas a imaginação” (p.2). No diagrama acima o imaginário foi representado por uma figura irregular, pois acredita-se que o mesmo não se revela de maneira exata e por conseguinte, reverbera distintamente de acordo com o observador.

O imaginário, complementa o autor, também cria imagens mas se estende além dessas imagens. “A verdadeira viagem da imaginação é a viagem ao país do imaginário, no próprio domínio do imaginário” (BACHELARD, 2001, p.5).

A imaginação tornou-se um caminho que nos permite atingir o real, assim como, vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade (LAPLANTINE, 1997, p.1). Portanto, o imaginário não é a negação total do real, visto que este último existe a partir da realidade percebida, ou seja, da interpretação que o homem faz da realidade.

Compreende-se a partir do que foi dito acima que o imaginário é fruto do real e portanto, por mais que seja resultado de um processo de irrealização não pode ser negado. Por conseguinte, se não podemos negar a existência daquilo que é imaginado tampouco podemos acreditar que o homem pisa na terra, se espacializa, existe e vive sem transformar a paisagem imaterialmente. Ou seja, não podemos acreditar que as únicas marcas deixadas pelo ser humano são as degradativas e imperialistas. A paisagem não se reduz a isso, ela se amplia, se expande:

E se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis (1996, p. 17).



Portanto, assim como imprimimos na paisagem nossas lembranças e imaginações, guardamos nessas últimas as paisagens que marcamos ao longo da vida.

2. Os seringueiros do Acre

No norte do Brasil, os seringais se configuram como áreas que foram intensamente habitadas por incentivos governamentais. A borracha levou para a Amazônia brasileiros que nunca antes tinham experimentado os modos de vida em uma floresta equatorial. Os homens do sertão nordestino, habituados com a seca, avançavam sobre as terras de mais alta pluviosidade do país. Além disso, vinham de uma Caatinga acostumada com a intermitência dos rios e se deparavam com uma floresta latifoliada sem mandacarus e com caudalosos curso de águas de proporções oceânicas. O choque era irremediável.

A partir desse junção de “diversos” brasileiros o seringal é sentido, imaginado e (re)significado constantemente. No caso dos seringais do estado do Acre, falamos além de nortistas e nordestinos, de peruanos, bolivianos, índios e, possivelmente, imigrantes de outras áreas.

Para a exploração amazônica um fator que contribuiu na formação dos seringais e no incentivo a migração foi a já existente navegação a vapor que permitia o deslocamento do produto. Nos arredores de Belém e da ilha de Marajó se instalaram os primeiros seringueiros.

O primeiro grande ciclo da borracha, ocorreu entre 1880 e 1913 e “levas de nordestinos e estrangeiros de diversas procedências são atraídos a Amazônia pela falsa expectativa de enriquecimento rápido” (Pereira, 2000, p.131).

A técnica inicialmente utilizada para retirada do produto chamava-se: arrocho. Os seringueiros sangravam a árvore em sua capacidade máxima, amarrando-a com cipós após efetuar cortes ao longo de todo o caule. A morte rápida da árvore contribuiu para um deslocamento do trabalhador na floresta, levando-o a ocupar novas áreas. “Dessa forma, avançou-se para o interior da floresta, ocupando-se áreas dos rios Tapajós, Madeira, Purus e Juruá e, posteriormente, chegando até o atual estado do Acre”. (op.cit., p.132)

Esse avanço levou os seringueiros a chegarem em território boliviano. Os conflitos armados gerados só foram resolvidos com o Tratado de Petrópolis que representou um



acordo entre Brasil e Bolívia. Dando a eles 2 milhões de libras esterlinas e uma fatia de terra que lhes permitia entrada ao rio Madeira, o Brasil ganhou direito sobre a área, em 1903, chamando-a de Acre.

O Acordo também obrigava o governo brasileiro a concluir a estrada madeiramamoré que iniciara a ser construída em 1861 mas que fora por duas vezes abandonada pelo árduo trabalho que demandava. A partir de 1907 as atividades reiniciaram e foram concluídas em 1912 quando a borracha brasileira já sofria fortes concorrências internacionais e estava em crise. Hoje a estrada esta desativada e encoberta pela floresta (MORAIS, 2008).

A crise da borracha foi fruto, principalmente, do roubo de 70 mil sementes da espécie *Hevea Brasiliensis* por Henry Wickham – botânico inglês que possibilitou a produção em massa de látex principalmente na Malásia, antiga colônia inglesa. Contra a monocultura de seringa, nossos seringueiros não puderam competir. “Certas paisagens terrestres, as plantações de seringueiras na Malásia, ou as explorações petrolíferas no Texas, nascem da luta contra as distâncias” (Dardel, 2011, p. 10). Além de mais barato, o látex inglês era de maior qualidade e não exigia dos trabalhadores tantos riscos na extração do material

Na segunda guerra mundial os seringueiros experimentaram mais um momento de alta produtividade. Foram denominados soldados e embora se mantivessem com uma baixíssima qualidade de vida, atores hegemônicos se beneficiavam do trabalho árduo. Começou uma nova campanha de arrecadação de trabalhadores com “postos de recrutamento espalhados por toda a parte, nas zonas de grande densidade demográfica, no Nordeste e nas capitais dos outros estados” (Benchimol, 1977, p.153).

O movimento migratório, que de início tivera características essencialmente nordestino-cearenses, ampliou-se e enriqueceu-se com a participação ativa de outros elementos regionais. Com o carioca, o mineiro e o baiano sobretudo. Esse cruzamento regional tornou-se intenso e deu um cunho nacional ao movimento dessas populações em marcha para a Amazônia (...). Também desse universalismo que nos trouxe o americano do norte, com os seus campos de aviação, as suas bases, o seu inglês e os seus hábitos. (idem, p.152)

A citação de Samuel Benchimol se refere ao período de guerra, visto que os campos de plantação de seringa na Malásia, que anteriormente trouxeram a crise para a



borracha brasileira, haviam sido destruídos por tropas japonesas que pretendiam prejudicar o grupo dos aliados. Esse foi um motivo que (re)atraiu o interesse pela Amazônia brasileira.

Uma verdadeira chuva de “arigós” nas ruas, praças, cidades, rios e seringais do nosso interior, cuja repercussão vai ser decisiva e importante na história das interações humanas, sociais, econômicas e psicológicas na Amazônia do futuro (...). Dessa sua experiência e dos contatos e interações que sofre ou impor, resultará na sua difícil incorporação (...) ou na sua deserção, que será fatal se o fracasso econômico ou o arrependimento psicológico torna-lo um elemento sempre em expectativa de melhores dias para retornar ao sertão, ao brejo, à cidade, ao lar, e a família que ficou lá fora esperando por ele (Benchimol, 1977, p.153).

Grupos se deslocavam utilizando-se de um ideário cultivado pela mídia e pela própria fé. O homem trabalhador sonha com a época da bonança. A lenda da fortuna atravessava fronteiras em velocidade incalculável. O mito da fortuna é alimentado pela fé e tem-se o que Samuel Benchimol (1977) chamou de uma: “economia mística para uma gente crédula” (p.154). Mística pois riqueza, para eles, não havia!

No entanto, até mesmo essa nova fase teve um fim próximo. Com a evolução técnica, a borracha sintética derivada do petróleo ganhou espaço e superou a produção da borracha natural.

A vida do seringueiro, portanto, era permeada por dificuldades. A floresta amazônica onerava o trabalhador com perigosos animais como a onça, o jacaré, a cobra e insetos transportadores de doenças incuráveis para àqueles que viviam tão longe da vida urbana. Além disso, muitos índios entravam em conflitos armados com os seringueiros. As dificuldades eram inúmeras e o salário baixo, impossibilitando a qualidade de vida desse trabalhador (BENCHIMOL, 1977 ; TOCANTINS, 1979). Os seringalistas, donos das terras que empregavam a grande massa de migrantes, viviam de maneira completamente diferente. Além de acesso a escola e sistemas de saúde, possuíam estrutura para viver dentro dos seringais. “A borracha criou imensa riqueza de uma burguesia parasitária e criou a miséria dos trabalhadores que tiveram na própria selva os muros de sua prisão e de seu cativeiro” (TEIXEIRA, 2009, p.11). O seringueiro retirava da floresta o sustento para viver - se é que se pode chamar de vida a rotina que



possuíam e de sustento o dinheiro que recebiam. Era uma prisão sem grades mas sem saída.

Por conseguinte, os seringueiros não estabelecem apenas uma relação profissional com a Amazônia. Além de ser fonte de sustento é a casa que possuem. A Paisagem amazônica é diferente para um seringueiro, do que para um índio ou para um comerciante que vive em Rio Branco por exemplo. No contato diário com a floresta, os seringueiros constituem paisagens em sua memória. Guardam lembranças de momentos, cheiros, medos, saudades, reclamações, aflições, alegrias, caminhos, trilhas, condições de trabalho e etc.

Pelo que se sabe os seringueiros conviviam com outros perigos além dos relatados anteriormente (animais, insetos e conflitos com índios): Os *seres misteriosos* que residem no interior da floresta. Esses seres folclóricos deram origem a histórias riquíssimas sobre o interior do Brasil e se baseavam não apenas em figuras como o Saci-Pererê, mas também em animais diferentes de qualquer outro visto, que costumavam ser mortais.

Diferentemente do que ocorreu no estado do Amazonas, o folclore regional acreano teve influências da Bolívia e Peru, assim como dos índios e dos migrantes nordestinos(CASCUDO, 2002). A maneira como se desenvolveu o folclore acreano tem estrita relação com a forma como o estado foi colonizado:

Da mesma forma por que, nos seringais, os seringueiros falam uma linguagem marcada pelas peculiaridades locais ou que eles haviam trazido do nordeste, o folclore regional apresenta características semelhantes. Ora é de fundo indígena, fruto de acentuada influência da multidão primitiva da própria Amazônia, ora se distingue como importação do nordeste (REIS, 1953, p.139).

Câmara Cascudo(2002) dedicou-se a mapear o folclore brasileiro e identificou para o território do Acre alguns mitos como:

“Lobisomen, a Burrinha (mula), o Batatão, a Caipora. Do ciclo amazônico há a Cobra-grande, a Boiúna espalhando lendas nos rios (...) há a predominância dos animais fabulosos (...), onças-bois, gogó-de-sola, insetos fulminantes (...). Surge também, vindo das matas amazônicas, o Mappinguari, derradeira encarnação do “Bicho-Homem (...)” (CASCUDO, 2002, p.18)



Verifica-se que há a presença de muitos seres folclóricos utilizados na literatura brasileira. Pesquisando sobre o tema encontramos diversas descrições. Foram selecionadas algumas como:

O/A *Curupira* é considerado o Deus/ a Mãe que protege as florestas e tem como característica física, os pés voltados para trás. É considerado amigo(a) dos seringueiros que lhe dão tabaco, vigiando as estradas e barracas quando atendido(a). Além disso, persegue a mulher infiel, “violenta-a depois, deixando-a inútil para sempre” (MAIA, 1987, p.257). No entanto, ele(a) também é considerado um ser perigoso, pois, costuma ser agressivo com aquele que “estraga inutilmente as árvores” e esse “é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus” (CASCUDO, 2002, p.105). Segundo Scott William Hoefle (2009), ele não usa roupas e tem cabelos compridos que cobrem a face:

Curupira lives deep in the virgen forest of inter fluvial áreas, and at the headwaters of rivers where few people live, so that only male hunters have contact with her. She eats natural fruit or hunts animals like people do (...) Curupira is usually thought of as an enchanted spirit with the power of invisibility (...) can show her presence without being seen by making noise. (HOEFLE, 2009, p.113)ⁱⁱ

O *Gogó de Sola* faz parte de uma mitologia muito presente no Acre. É um cão do mato que tem hidrofobia e por conta disso só aparece nos meses de fevereiro e março. É um bicho muito ágil e suas dentadas são tão perigosas como as de uma cobra, por ser pequeno, se torna muito difícil matá-lo com arma de fogo. Ele morde a vítima até matá-la.

O *Matinta Pereira* é um “tapuinho” de uma perna só que não consegue evacuar e nem urinar. É subordinado a uma velha feia e anda pela floresta junto com ela a pedir tabaco. Ele usa um chapéu vermelho e “quem na luta noturna conseguir arrancar-lhe o barrete terá conquistado a felicidade. A velha que o acompanha canta: Matinta Pereira, papa-terra já morreu; quem te governa sou eu” (CASCUDO, 2002, p.321).

O *Mapinguari* tem gerado algumas interpretações. Muitos dizem que ele tem uma aparência parecida com a do curupira, mas que é bem maior, além de feio e fedido. Outros acreditam que ele não tem essa aparência homem-animal mas que, na verdade, pertence a uma: “(...)folk memory or actual experience with giant sloughs, which roamed the Amazon during the Pleistocene or still exist in remote áreas”ⁱⁱⁱ (HOEFLE, 2009,



p.114). Ele também ataca as pessoas e pode chegar a mata-las. A única forma de vence-lo é batendo em sua boca na hora de seu grito.

A *Onça-boi*. Uma onça ainda mais perigosa, pois tem as patas de boi com cascos fortes. Ela atacava muitos seringueiros, segundo relatos, e se a vítima tentasse se esconder em cima de uma árvore, o animal ficava de sentinela até o homem cair lá de cima sem forças (CASCUDO, 2002, p.334).

3. Concluir é colocar um ponto final, não um fim!

Nos diz Eric Dardel(2011): “Ela [a paisagem] coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original (...)” (p.31). As ligações do homem para com o mundo não deixam apenas pegadas na areia, beijos de batons, mãos de tinta colorida na parede, marcas de pneus freados nas estradas, nomes talhados em árvores, grafite nos muros ou chicletes nas cadeiras. O homem libera a todo instante uma partícula de si no mundo e este último frequentemente exala uma camada de sua essência no ser humano. A relação complementar faz do homem e do ambiente uma coisa só: natureza. Esta, por sua vez, não sinônima de paisagem. A primeira é o todo, a segunda é um recorte, uma visão, um olhar, que passa além do externo, virando-se pra dentro. Assim entendemos paisagem, algo que não se limita ao material – construído ou natural, pois contém a memória e o imaginário dos homens. Por sua vez, não existe imaginário sem paisagens para imaginar e lembrar. Os seringueiros são exemplos de grupos que constroem paisagens imaginadas em sua relação íntima com a floresta Amazônica.

4. Bibliografia

ALMEIDA, Maria Geralda de. Geografia, Leituras Culturais. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 71-88.

BACHELARD, Gaston. O Ar e os Sonhos, Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 275p.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.

BALANDIER, Georges. O Dédalo: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco antes e além depois. Coleção Amazônia -1. Editora Umberto Cal de raro, Manaus, 1977. 142 -199.

BESSE, Jean –marc. Ver a terra – seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.108.

BUTTNER, Anne. “Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido”, Christofletti, Antonio (org.), Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-123.

Carlos, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos Mitos Brasileiros. 2ªed. São Paulo: Global, 2002. p.396.

CORRÊA, R. L. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010. p. 304.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUBOS, Rene Jules. Namorando a Terra. Sao Paulo: Melhoramentos, 1981. 150 p.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 2006.

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (orgs); Manifestações da cultura no espaço. 1ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-168.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liane Salvia. O que é imaginário? São Paulo: Brasiliense, 1996.

LEITE, Adriana Figueira. “O Lugar: duas acepções geográficas”. In: Anuário do Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, UFRJ, v.21, p.9-20, 1998.

MORAIS, Maria de Jesus. ACREANIDADE - Invenção e Reinvenção da Identidade Acreana. Niterói: UFF. 2008.

PEREIRA, Raimundo Pontes Filho. Estudos de História da Amazônia. Valer Editora, Manaus. 2000. 129-151.

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: EdUSP, 2005. p.170.



SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TEIXEIRA, Carlos Côrrea. Servidão Humana na Selva – O aviamento e o barracão nos Seringais da Amazônia. Ed Valer/Edua, Manaus. 2009.

TOCANTINS, Leandro. Formação Histórica do Acre. Vol I. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. 1ª Ed. São Paulo: DIFEL, 250 pág. 1983.

TUAN, Yi- Fu. Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1980. p. 288.

TUAN, Yi- Fu. Paisagens do Medo. São Paulo: Ed UNESP, 2005. p. 375.

ⁱ Vidal de La Blache se utilizava do termo “physionomie” (tradução literal para o português “fisionomia”) falar do plano das aparências, das características da paisagem, ou seja, das realidades objetivas. Nessa citação de Vidal de La Blache do texto “Les caracteres distinctifs de la geographie” (1913) pode-se encontrar um exemplo: *les expressions changeantes que revêt suivant les lieux la physionomie de la terre (p.292) – [a Geografia estuda] as expressões cambiantes que, de acordo com os lugares, a fisionomia da terra assume.*

ⁱⁱ Curupira vive nas profundezas da floresta virgem em áreas inter-fluviais e nas cabeceiras dos rios onde poucas pessoas vivem, de modo que somente caçadores masculinos têm contato com ela. Ela come fruta natural ou animais de caça como as pessoas fazem (...) Curupira é geralmente considerado como um espírito encantado com o poder da invisibilidade (...) pode mostrar a sua presença sem ser visto por fazer barulho.

ⁱⁱⁱ“(…) Memória popular ou a experiência real com seres gigantes, que percorriam a Amazônia durante o Pleistoceno ou ainda existem em áreas remotas”